

*Eu, Uns e Outros*¹
Escrit(ur)as de Juscelino Kubitschek

Ana Maria Ribas Cardoso²

Resumo: O trabalho diz respeito a dimensão político-cultural dos Anos JK, através da revisitação da(s) (auto)biografia(s) do presidente da República Juscelino Kubitschek que - “escondendo lágrimas”- narra(m) história(s) na perplexidade do tempo de uma vida. O objetivo é discutir como a trajetória individual de JK - moldada pela inserção social de origem - e pública – constituída e constitutiva do nacional-desenvolvimentismo – (re)inventou o Brasil e o alçou à condição de mito político. O que faz reconhecer os nós entre tempos do mundo e experiências humanas e, logo, amplia os horizontes da pesquisa histórico-biográfica, construindo outro caminho entre indivíduo e coletivo e rastreando a matizada configuração de identidades.

Palavras-Chave: história; (auto)biografia; mito político.

Abstract: This study relates to the political and cultural dimension of the JK Years, through a revisitation of the (self)biography(ies) of the President of the Republic Juscelino Kubitschek, which – “hiding tears” – tell history(ies) within the perplexity of a lifetime. It aims at discussing how the individual trajectory of JK – moulded by the social insertion of origin – as well as public – constituted and is constitutive of national-developmentism – (re)invented Brazil and raised him to the condition of a political myth. It also leads us to recognizing the knots between world times and human experiences, and forthwith widens the horizons of historical-biographical research, building another path between individual and collective as well as tracing a shaded configuration of identities.

Key-Words: history; (self)biography; political myth.

O texto ora apresentado integra a pesquisa que estamos desenvolvendo sobre os Anos JK, na qual um dos objetivos diz respeito à revisitação da autobiografia de Juscelino Kubitschek³ e das biografias que - “escondendo lágrimas”- narra(m) história(s) na perplexidade do tempo de uma vida. Selecionamos, a título de amostragem, a biografia pioneira elaborada por Francisco de Assis Barbosa⁴ que foi publicada originalmente e não por acaso em 1960 – inauguração de Brasília e último ano do governo Kubitschek, quando se

¹ Utilizamos a expressão “uns e outros” inspirados no filme *Les Uns et les Autres*, dirigido pelo renomado diretor francês Claude Lelouch, com lançamento no ano de 1981.

² Professora e Coordenadora de História do Colégio Pedro II / UE Humaitá II. Doutoranda pelo PPGH-UERJ. Mestre em História pela UFRJ.

³ As *Memórias de JK* integram o projeto editorial da Bloch Editores, compreendendo os anos de 1961 a 1976. Foram lançados três livros dedicados à autobiografia de JK, quais sejam: Juscelino Kubitschek de Oliveira. *Meu caminho para Brasília – a experiência de humildade*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974, vol. I; _____. _____. *- a escalada política*. Rio de Janeiro: Bloch, 1976, vol. II; _____. _____. *- 50 anos em 5*. Rio de Janeiro: Bloch, 1978, vol. III. O segundo e o terceiro volumes foram publicados após a sua morte.

⁴ Assis Barbosa ocupou o cargo de assessor de documentação da presidência da República no Governo JK.

tornaram mais visíveis os efeitos econômicos e sociais gerados pelo desenvolvimentismo *vis-à-vis* a grandiosidade da nova capital federal. E as obras do jornalista Claudio Bojunga (2001) - que ganhou o Prêmio Jabuti 2002 de “melhor biografia do ano” - e de Carlos Heitor Cony (2002) – escritor e jornalista amigo de Kubitschek durante os tempos difíceis da ditadura militar; ambas inscritas nas comemorações do centenário de nascimento de JK no ano de 2002, ainda marcado por debates políticos em torno de um projeto nacional capaz de resolver as disparidades sociais e assegurar, de fato, a autonomia econômica do país. Imaginava-se que evocar a trajetória e a atuação de Juscelino Kubitschek como homem público ampliaria as possibilidades de construir um futuro promissor para o Brasil.

A biografia de Cony, atrelada a um discurso de defesa da “memória nacional”, destina-se especialmente aos jovens que não eram nascidos na época, por isso, não conheceram a trajetória do ex-presidente e não viveram os inesquecíveis anos de euforia nacional do governo Kubitschek “que nunca mais se repetiu” na nossa história (CONY, op.cit.: 5). E a de Bojunga expressa o seu compromisso em não apenas celebrar Juscelino Kubitschek e os *anos dourados* de seu governo, que ele vivenciara como adolescente; porém, especialmente, tecer uma “reparação” ao homem que ele considera uma das personalidades políticas mais relevantes da história do Brasil. Ao refutar que “JK teria sido o inventor da inflação brasileira, corrupto e entreguista”; o biógrafo define o seu governo como “um momento mágico de crescimento econômico, democracia política e florescimento cultural, fazendo crer que a vitória estava ao alcance da nossa mão” (BOJUNGA, op.cit.: 16).

Rememorar e/ou comemorar, *pelos e nas* escrituras (auto)biográficas, a experiência de Juscelino Kubitschek traz de volta à cena político-cultural o “grande homem” e a “cruzada em prol do desenvolvimento” – imagens essas que vêm sendo, continuamente, reverberadas pela memória coletiva e pela mídia; o que cristaliza e difunde o binômio indissolúvel presidente da República-mito político Juscelino Kubitschek e *anos dourados* da sociedade brasileira. Enquanto seduz a coletividade que clama por referências para imaginar o mundo e nele viver. Estratégia que, por um lado, ajuda a reproduzir a vida social, e confirmar, não sem paradoxos, o pertencimento à nação brasileira e à sua história; e, por outro, pretende driblar a angústia social, os riscos do esquecimento e o temor do presente a apontar para um futuro ainda incerto e nebuloso.

Côncios do cuidadoso trabalho de crítica exigido por essa documentação, a nossa proposta pretende, para além de uma história de vida, investigar a presença de uma dada leitura do *presente passado futuro* a apresentar mecanismos de fabricação e cristalização do mito político Juscelino Kubitschek; que se consagrou, no panteão da história nacional, como

“grande estadista”, promotor do desenvolvimento, defensor das instituições democráticas e guardião da ordem social em uma conjuntura de grave instabilidade política.

Desse modo, a pretensão é evidenciar como a trajetória individual - moldada pela inserção social de origem - e pública de JK - constituída e constitutiva do nacional-desenvolvimentismo - que prometia avançar o país “cinquenta anos em cinco” -, ajudou a reinventar a história e se amalgamou, no imaginário social, à luta em prol da autonomia da nação e da redefinição da identidade nacional. Metas a serem ainda alcançadas em um país que cumpria se desenvolver, se internacionalizar e fazer conviver – tal qual a história de JK desejava mostrar - díades aparentemente irreconciliáveis: nacional e estrangeiro; atraso e progresso; provinciano e cosmopolita; campo e cidade; moderno e tradição; riqueza e pobreza; novo e arcaico; utopia e nostalgia; civilização e barbárie; reforma e revolução; desenvolvimento e subdesenvolvimento:

Eu chegava aos vinte e sete anos e, até então, a idéia que tinha do mundo estava condicionada a dois dimensionamentos: o perfil de Itambé, na infância; a complexidade dos contrafortes da Serra do Curral, em Belo Horizonte, na fase de acadêmico. Na realidade, eu vivera sempre atrasado em relação a tudo. Só conheci o automóvel quando tinha vinte anos, e vi um avião, pela primeira vez, ao concluir meu curso de Medicina. Quando embarquei no Formose, o mundo, para mim, era uma verdadeira incógnita. (OLIVEIRA, 1974:34, grifos nossos).

Se as narrativas biográficas oferecem outros ingredientes à urdidura do mito político a fim de assegurar a permanência de Juscelino Kubitschek no “panteão” da história; compreendê-lo implica em ir além do modelo biográfico edificador do “herói nacional”, que se converte em instrumento de uma história patriótica e teleológica. E, por conseguinte, faz repensar interpretações construídas nessas biografias que ora mitificam a ascensão e a projeção de um homem de origem social humilde na vida pública do país; ora descrevem JK como exemplo de “grande estadista” que se tornou símbolo de um novo Brasil; ora qualificam o governo JK como um momento único de crescimento econômico e vitória; ora superdimensionam os desdobramentos oriundos da cassação do cidadão e homem público Juscelino Kubitschek.

Trata-se, outrossim, de apre(e)nder como, através das narrativas (auto)biográficas que (con)fundem história e memória, os autores-personagens partem de uma experiência que pode, à primeira vista, parecer pessoal; mas que busca enfrentar e resistir à estranheza e às dispersões no tempo. Livros que enriquecem as reflexões do historiador, pois evidencia como a história do homem público JK, a história de uma geração e a história do Brasil se superpõem e se enovelam, através da fabulação narrativa, instigando apropriações outras *presente futuro*

passado. Sempre provisórias e complexas no trabalho do historiador, tais apropriações resultam, do mesmo modo que são resultados, das tessituras de vozes e/ou ações vividas que desejam, simbolicamente, o re-encontro emocionado com o *outro* e consigo mesmo. Não para reafirmar a onipotência do *eu*, o que é próprio da (auto)biografia, ou “congelar” o passado e a memória, dissolvendo a perspectiva crítica. Todavia, para desvelar a dimensão histórico-social de um homem e de uma época, no intuito de perceber que laços metafóricos, políticos, ideológicos e/ou sociais (des)unem a década de cinquenta ao presente. E mais - o que ainda permanece, foi esquecido e/ou resiste, na nossa contemporaneidade, dos Anos JK e do homem-presidente da República Juscelino Kubitschek.

Considerando que Juscelino Kubitschek teve, na década de 60, seu espaço público de atuação e expressão vetado por força da cassação de seus direitos políticos por dez anos imposta pelo regime militar, restou-lhe exatamente o espaço privado enquanto *locus* de uma escrita de si, que se concretizou com a elaboração das suas memórias. A autobiografia começou a ser delineada no exílio, após os desdobramentos do movimento político-militar de 1964, quando a vida privada de Juscelino Kubitschek ressignificou-se *pari passu* ao apagamento de sua presença no cenário público. Contando com o incentivo e a participação de grandes amigos, como Adolph Bloch, Caio de Freitas, Carlos Heitor Cony e Josué Montello, podemos dizer que a longa narrativa buscara a consagração do homem-presidente da República. Como “todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”⁵, encontramos aqui um outro sentido à narrativa autobiográfica de JK. Para além do valor do julgamento, o mais relevante era falar da reconciliação que o ato de narrar - em tempos de “dilapidação” (expressão de BOJUNGA, *op.cit.*) - poderia operar na vida do homem e cidadão proscrito Juscelino Kubitschek.

A “autocongratulação sentimental” (GAY, 1999: 37) se fez presente. Quase sempre adotando um tom apologético para rememorar as vicissitudes e conquistas que marcaram a infância, adolescência e maturidade, Juscelino Kubitschek buscou nelas conforto e consolo, tendo em vista refazer as distâncias que percorreu em sua vida como uma maneira de remediar as intranqüilidades e apaziguar as tensões, frustrações e decepções interiores. Mas não só – era necessário legar à posteridade, dentro de um formato estético e sob uma perspectiva teleológica, a vida (privada e pública) de um homem que, para além do epitáfio,

⁵ Texto de Isak Dinesen (Karen Blixen) que foi usado como epígrafe por Hannah Arendt, no início do capítulo V do seu livro *A condição humana*. 8 ed. rev., e ampl. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p.188.

desejou se transmutar em mito político na memória coletiva. O que seria reforçado com a morte trágica em um acidente automobilístico.

À realidade de uma história pessoal, interpôs-se a lenda da “experiência de humildade” - não fortuitamente o título do primeiro volume de seu livro de memórias - enquanto reforço à auto-valorização e à projeção da (auto)imagem de “grande homem”. Recriando, não ao acaso, os vínculos sutis e apaixonados entre as reminiscências da infância e as experiências da vida adulta, JK reinventou a sua história como uma “lição de esperança para os que vieram da humildade” (OLIVEIRA, 1974, vol.I: s/p), a fim de que a coletividade nele se identifique e o legitime. Ao enunciar e abraçar, pelas revelações íntimas, pelas reticências, pelas distorções, o seu tempo de vida sob a forma de um ideal de si mesmo, ele enfatiza a “*via crucis* de um rapazinho pobre e sem proteção” (*Ibid.*: 45) que, através do conhecimento e do trabalho, ascendeu como médico e acabou por integrar a elite do país. A trajetória percorrida por Kubitschek para alcançar o *status* de doutor expõe, portanto, a história de um indivíduo que, por si só, ofertava as condições materiais ao soerguimento do mito político. Ao recolher de sua história os sofrimentos experimentados, a incessante luta em defesa dos estudos, as privações pessoais, a crença nos valores cristãos, mesmo em tudo que significaram elementos soldadores de sua visão de homem e de mundo, JK desejou reconstituir os elos construtores de uma imagem de “presidente salvador”. Imagem a ser realimentada por uma coletividade que deveria se projetar nesse exemplo difundido, no afã de atingir as metas que o sujeito histórico Juscelino, colocando-se como homem comum, havia alcançado.

Os estigmas da luta, do sofrimento e das dificuldades materiais extrapolam-se à ação política, uma vez que a utopia de construir o *novo Brasil*, via cruzada pelo desenvolvimento e contra o atraso e a pobreza, viu-se associada, metaforicamente, à sua travessia pela vida; enquanto o trabalho precisou ser evocado – sugerindo a lição materna - como arma de conquista e de defesa do bem-estar dos brasileiros. As vivências de uma infância pobre deveriam, pela escritura, alcançar a vida pública para legitimar o projeto desenvolvimentista dos “Cinquenta Anos em Cinco” (OLIVEIRA, 1978, vol.III) então envolto, simbolicamente, por uma sagaz mistura de (auto)defesa e promessa.

Ao enfatizar, retrospectiva e prospectivamente, a sua viagem real e metafórica, Juscelino Kubitschek mencionou continentes, países e cidades que ele conheceu, como “se lesse um palimpsesto, uma escritura estratificada, composta de múltiplas línguas e dialetos (...)” (RICCI, 2005:18). Ele redesenhou, *pela e na* linguagem, os lugares que conheceu e experimentou com palavras e ideais que, algum dia, o haviam levado a projetar o futuro e

imaginar o Brasil como utopia; do mesmo modo, que os utilizou para forjar uma visão de mundo, de homem e de sociedade com base na doutrina liberal e na crença à democracia. O exemplo histórico francês de luta em prol das liberdades seria retomado e enfatizado para fundar, lado ao modelo norte-americano, a tradição de democrata para o homem Juscelino Kubitschek. A crença inabalável na democracia deveria estar gravada na sua história como algo que se configurou anterior à opção pela política e ao ingresso na vida pública; a fim de legitimar o seu governo e a sua autoridade perante a comunidade nacional e, assim, desfazer, senão minimizar, críticas e acusações. Vejamos:

Esse contato com a história robusteceu o amor pela liberdade e o sentimento democrático, que me eram instintivos. Fez com que minha fé na democracia aprofundasse ainda mais suas raízes e minha formação espiritual se consolidasse num sentido nitidamente liberal. (...). Ao fortalecer estas convicções, que abriam para mim o horizonte político, eu mal poderia imaginar que, inconscientemente, me preparava para a tarefa que o destino me reservaria, no futuro, de importância vital para o meu país - a da defesa da Democracia (OLIVEIRA, 1974:105).

A viagem para a Europa, além do conhecimento, da conquista das mais altas notas no Curso de Especialização em Urologia, em Paris e da “bagagem de experiências”, foi inscrita na autobiografia para ressignificar aquela “primitiva imagem” do menino Nonô do interior das Minas Gerais. O que reinventou o *vir a ser* de uma história que se iniciou na pequena cidade mineira de Diamantina, prosseguiu na capital do estado Belo Horizonte, avançou por outros continentes e ancorou em um Brasil que ainda buscava dar forma e sentido a sua identidade. A história de Juscelino Kubitschek se integrou, pela e na *escrita de si*, à história nacional como emblema da modernidade. Utopia do novo Brasil desenvolvido e urbano que transitou por Diamantina, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e pelo mundo afora. Ousamos sugerir, nesse sentido, que essas cidades não representaram apenas meros espaços físicos, com fronteiras definidas. Muito mais do que um conceito geográfico! “Cidades autobiográficas” que configuram, externa e internamente, emblemas da trajetória juscelinista. Sendo assim, corporificaram *locus* diversos de descobertas, vivências, paixões e ideais que apontavam para a reconstrução do presente do passado em direção ao futuro pela via do desenvolvimento industrial, do predomínio da técnica e da renovação vanguardista da paisagem urbana.

Se a política acabara por se constituir em parte definidora e integrante do seu *eu*, servindo para justificar a vocação pública como um destino de grandeza; ousamos afirmar que Kubitschek transformou em autobiografia a utopia da modernidade, o progresso como redenção, a civilização como prova de superioridade e a democracia como identidade. Para

ele, ainda era possível mudar o Brasil pela ação; e as idéias, alavancas de aperfeiçoamento da humanidade, deveriam estar a seu serviço, a fim de conquistar a emancipação econômica, a riqueza nacional e o bem-comum alicerçado na paz social.

As biografias selecionadas seguem, de algum modo, a encenação autobiográfica dos livros de memórias de JK; à exceção da de Assis Barbosa que foi publicada anteriormente. Mas vale ressaltar que um eixo condutor a todas envolve: o heroísmo de um homem humilde que, a despeito das marcas do sofrimento, é um exemplo de luta e uma lição de esperança. Alicerçada na imagem de um indivíduo heroicizado, as escrituras privilegiam as qualidades pessoais, ressaltam a trajetória pública e seus desdobramentos, sem qualificar, de um modo geral, a dimensão histórico-social do homem/chefe de Estado Juscelino Kubitschek. Revela-se a vida de um *self made man*, cuja história *per si* permeia e legitima o discurso político mitológico.

A questão central que pareceu mover os biógrafos era escrever a vida de JK, com base em um *script* retrospectiva e prospectivamente esboçado; portanto, seduzido pela ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006: 183-91) de “contar a sua vida e obra tal como ele gostaria que fossem contadas” (CONY, *op.cit.*: 6). O que aponta para a crença de, no papel, recompor a história para garantir a sacralização do *nome* e da *obra*. Era necessário justificar escolhas; exaltar feitos, reparar danos sofridos para re-elaborar um *eu* indiviso. Enfim, aceitar os enigmas do tempo a comportar ambições, necessidades, desejos, frustrações, angústias, ocasos. Isso implicava, por exemplo, em grifar e dialogar, hábil e humanamente, com os (res)sentimentos e as injustiças que, por exemplo, os biógrafos Carlos Heitor Cony e Claudio Bojunga acreditaram ter pesado sobre o presidente da República nos últimos anos de sua vida.

Se Juscelino, em suas memórias, ressignificou a perda do pai como a mais longínqua impressão de menino; os biógrafos, também, a destacaram no intuito de dignificar o sofrimento, as dificuldades e o valor humano, já que, árdua e precocemente, “ele se fez homem”. O destino do “menino pobre-chefe salvador” foi recriado não a partir de ações e opções que formataram as sendas do seu viver. Contudo, mais como um “dever de memória” e, a ele coligado, “dever de ressarcimento” (SARLO, 2007: 43) frente ao presente do passado que se vê *a posteriori* evocado, moral e afetuosamente, pelo sábio jogo das palavras. Porque a memória não enfrenta, apenas, o esquecimento e o silêncio que acompanham as reminiscências; ela (re)processa, pelo esforço imaginativo, a experiência do homem no mundo, almejando libertar “o presente das disputas do passado” (GUIMARÃES, 2006: 56); e, então, reconfigura identidades, sejam individuais e/ou coletivas.

Os biógrafos (re)elaboraram a história de JK, destacando os caminhos por ele

percorridos rumo à ascensão social e à entrada na vida política do país, quando enfrentou a oposição para pacificar o país e representou os desejos de mudança de grande parte da sociedade brasileira; até a cassação, o exílio, a doença⁶ e o isolamento político. Visto que toda narrativa está submetida aos “jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e de suas amplificações” (GIRARDET: 1987: 72); era, mormente, imprescindível - no âmbito daquilo que Sarlo (2007) denominou de “retórica testemunhal” - resguardar a imagem do homem-ex-presidente contra a humilhação e a execração públicas, exorcizando o mal em proveito do bem, sem banalizá-los; bem como enfatizar a “batalha” de Kubitschek em prol do desenvolvimento industrial. Se o exemplo da experiência individual “vitoriosa” de Juscelino Kubitschek configura-se, portanto, como o ponto de partida das escrituras biográficas, encontrando solo fértil para se propagar e reproduzindo as marcas que o ex-presidente da República almejou deixar na história; vale também perceber que a mensagem do nacional-desenvolvimentismo imbuiu-se de um otimismo unificador dos desejos de grande parte da sociedade brasileira, ainda ressentida no seu imaginário da orfandade que lhe fora imposta com o suicídio de Getúlio Vargas.

As biografias enfocam, assim, o menino e o adolescente da pequena cidade mineira de Diamantina que de lá partiu, “com a mala de papelão na cabeça, e chegara ao mais alto posto da República” (CONY, 2002: 65) e prosseguem na trajetória de JK como telegrafista, médico e depois político. A narrativa biográfica de Assis Barbosa começa com a infância do menino “Nonô”, porém se encerra nos anos 30, quando ocorreu a entrada de Juscelino Kubitschek na política; o que foi definido como o *divisor de águas* da vida de JK:

Para Juscelino, a revolução paulista significa a sua primeira e grande experiência política. *Juscelino receberia, com a campanha de 1932, além do batismo de fogo, o batismo da política.* (BARBOSA, *op.cit.*: 320, grifos nossos)

Vale destacar que quaisquer ações do homem, bastante permeáveis aos embates em torno dos recursos materiais e simbólicos, são resultado de uma constante negociação entre as limitações impostas por “sistemas normativos prescritivos e opressivos” e a liberdade e o arbítrio pessoal que o indivíduo dispõe. Ainda que não absolutos, a liberdade e o uso do arbítrio pessoal legitimam e garantem a possibilidade de escolha consciente do homem; bem

⁶ A doença refere-se a um câncer de próstata que deixou seqüelas psicofísicas, agravando o estado de saúde já precário de JK, devido à arteriosclerose coronariana; hipertensão arterial, diabetes, gota e síndrome de depressão psíquica. Ver, por exemplo: CONY, Carlos Heitor. *JK - memorial do exílio*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1982; *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

como a formulação de interpretações possíveis sobre o mundo, por meio dos interstícios que se abrem naqueles sistemas (LEVI, 2006: 179-80).

Clareamos tal discussão quando atentamos à situação de JK de ex-presidente da República e cidadão brasileiro cassado, sob a mira do isolamento político, à qual foi colocado pelo regime militar instaurado em 1964 e consolidado com a decretação do AI-5. Antes da cassação, porém, obstinado pela meta da candidatura em 1965, que já havia sido homologada pelo PSD em convenção nacional, Kubitschek apoiou – em que pese a quebra da legalidade constitucional – a indicação do general Castelo Branco à presidência da República e deu carta branca ao seu partido para fazê-lo; em troca do respeito ao calendário eleitoral e do breve retorno à normalidade democrática. À reclusão e ao ostracismo de Juscelino Kubitschek, tratava-se de enfatizar a grandeza de sua personalidade e a magnitude de sua obra acima do que foi entendido como “o seu maior erro político e pessoal” (CONY, *op.cit.*:126). Este “erro”, porém, deveria estar inscrito e escrito na biografia como a escolha possível e necessária para salvar o Brasil em um futuro próximo, diante da contundente realidade imposta pelo movimento político-militar de 1964 e, a ele correlato, pela institucionalização do Estado autoritário; ao invés de questionar a conduta democrática da qual Juscelino Kubitschek sempre se auto-investiu ao longo da vida pública.

Podemos, também, compreender – o que não significa desculpar, nem perdoar – o porquê das convicções liberais e da tradição democrática, ainda que declaradas como pilares que integraram *naturalmente* o seu espírito e se cristalizaram durante a viagem à Europa, não terem sido fortes o bastante para levar Juscelino Kubitschek a recusar, na década de 40, um cargo público – prefeito da cidade de Belo Horizonte - para o qual não havia sido eleito. Patenteia-se, pois, a percepção do cargo político como um instrumento de projeção social, no sentido de romper as barreiras de um isolamento individual ditado pela pobreza. Mesmo que a conjuntura histórica estadonovista ditasse regras diversas daquelas que a sua opção político-ideológica desejava afirmar e publicizar, existiram outras motivações que se sobrepujaram aos ideais democráticos sempre aclamados e propositalmente grifados na autobiografia e biografias. A obstinação em escalar os degraus da escada rumo ao poder e o senso de oportunidade e habilidade, a ela correlatos, ampliam o nosso olhar e mostram que essas opções deveriam ser silenciadas ou discretamente justificadas, para permitir a construção e difusão da (auto)imagem pública de JK como democrata. E, mais do que isso, ajudam a iluminar como Juscelino se transformou de “menino pobre” em figura pública proeminente.

Como a aventura autobiográfica e/ou biográfica envolve partilha e participação autor/personagem-leitor, pois ambos se (re)descobrem e se (re)fazem; ela almeja transpor o

luto que se encontra relacionado, simbolicamente, a uma “ferida coletiva” (SILVA, 2002: 431) e, pelo maior ou menor sofrimento, pode se transmutar em matéria-prima do desejo de “reconciliação amnésica” (SARLO, 2005: 32). Significa deixar Juscelino Kubitschek ser lido *nos e pelos* textos, dificultando ou adiando a inevitável deterioração tramada pela memória. Sob o olhar dos biógrafos Francisco Assis Barbosa, Carlos Heitor Cony e Claudio Bojunga, reafirmar a *presença ausente*; o que é uma maneira de lutar contra o esquecimento imposto a JK pela memória nacional pós-64. *Processar-apagar a vida-morte de Juscelino Kubitschek. Repetir e recriar a lembrança, mesmo que transitória, finita, ora desbotada, ora realçada nas dobras do presente futuro passado.*

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis. *Juscelino Kubitschek - uma revisão na política brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- BELMONT, Nicole. Vida/Morte. In: ROMANO, Ruggiero (dir.) *Enciclopédia Einaudi – vida-morte / tradições-gerações*. Portugal/Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, vol. 36, p. 11-60.
- BOJUNGA, Claudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.183-91.
- CONY, Carlos Heitor. *Como nasce uma estrela*. RJ/SP: Record, 2002.
- _____. *JK - memorial do exílio*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1982.
- GAY, Peter. *O coração desvelado*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita de história: a título de prólogo. In. _____ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.7-24.
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Escrever a história, domesticar o passado. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica & PESAVENTO, Sandra. *História e linguagens – texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 45-57.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória – arquitetura, monumentos, mídia*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In. AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- LEVILLAIN, Philippe. *Os protagonistas: da biografia*. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.
- MAËNEN, Florence Bancaud. Le journal de Kafka ou l'autobiographie fantôme. In. LEJEUNE, Philippe & VIOLLET, Catherine (dir.) *Genèses du “je” – manuscrits et autobiographie*. Paris: CNRS editions, 2001, p. 137-153.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos – Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Ed. UFMG, 1992.
- OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Meu caminho para Brasília – a experiência da humildade*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974, vol I.

_____. *Meu caminho para Brasília - a escalada política*. Rio de Janeiro: Bloch, 1976, vol. II.

_____. *Meu caminho para Brasília - 50 anos em 5*. Rio de Janeiro: Bloch, 1978, vol. III.

RICCI, Giancarlo. *As cidades de Freud – itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado - - cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007.

_____. *Paisagens imaginárias*. 1 ed. 1 reimp. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.